

evidence he argues for a short construction phase at the site – perhaps no more than thirty years (it has taken over fifty years to just restore the tetrapylon) – the reigns of Septimius Severus and his son Caracalla. He dismisses the thesis that the basic arrangement for the site had already been inherited from the previous generation and favors instead the idea of a Severan architect as the initiator of the entire design program, though he admits that changes were made after work began as when the circular plaza was abandoned in favor of a great fountain. Most of the other changes can be documented in the constructions themselves either by shifts in building styles or as in the podium of the temple of the Severan Emperors where rejected architectural elements were incorporated into the structure.

This volume is beautifully illustrated with plans and reconstruction drawings taken from the excavation archives and arranged by the editors to augment the text. These provide a useful aid to following Ward-Perkins arguments. The black-and-white photographs which are quite sharp and clear provide still more visual documentation.

The strength of this volume lies in its author's intimate knowledge of the monuments of the site and his deep and abiding interest in the details of the buildings themselves and the long period of time that he spent considering the issues. These strengths regularly surface in the individual essays. The volume's weakness is the lack of a coherent scheme because it is a collection of writings on buildings produced during the Severan period rather than a work conceived as a study of the building program of the Severan emperors. Some of the essays end abruptly; some of the ideas seem undeveloped; some of the discussions could have used a bit of reworking. However, we are lucky to have these papers, otherwise unpublished, brought together and ably compiled into a most useful volume. They are John Ward-Perkins' last words on a subject to which he devoted much of his professional life and, one suspects, much of his personal interest.

William Mierse
Art Department
University of Vermont
Burlington, Vt 05405

Gabriela Martin, *Pré-História do Nordeste do Brasil*. 2a edição. Recife: Editora Universitária – UFPE, 1997

Scott Joseph Allen

Ao entrar no escritório de um arqueólogo geralmente se encontra livros numerosos de vários tipos, tais como relatórios de escavações, manuais técnicos, obras de metodologia e teoria arqueológica e trabalhos de diversos assuntos relacionados. Muitas vezes se nota também, separadas dos outros e ao alcance da escrivãzinha algumas obras em condições precárias devido a anos e anos de uso. Estas são as mais valorizadas e consultadas pelo arqueólogo – suponho que será nessa estante onde *Pré-História do Nordeste do Brasil* achará seu lugar.

Dra. Martin, cuja contribuição à arqueologia brasileira é notável, observa que “escrever um manual ou introdução ao estudo de qualquer ciência é trabalho ingrato” – as centenas de referências bibliográficas e sítios citados é um bom testemunho da sua experiência e capacidade de lidar com essa tarefa. Ter

sido solicitado para avaliar uma obra assim é uma experiência gratificante e desafiadora – por isso, não tenho pretensões, sendo ainda relativamente iniciante na arqueologia brasileira, de cobrir todos os assuntos e levantar uma crítica muito ampla.

Embora o livro seja útil para o profissional, a autora o direcionou aos estudantes de arqueologia pré-histórica e os de ciências sociais que estejam interessados em mergulhar um pouco no assunto. A partir de uma discussão sobre a história da arqueologia pré-histórica nordestina, Martin, devido a sua perspectiva ecológica, descreve o meio ambiente da região. A seguir, os capítulos tratam de tópicos específicos à arqueologia do nordeste e inclui: a antiguidade da vida humana no nordeste, baseando-se nas pesquisas importantes de Niède Guidon no Piauí, as quais exigiram uma reavaliação mundial sobre o povoamento das Américas; áreas arqueológicas, a ser discutido adiante; tecnologia do povo pré-Cabralense, incluindo cerâmica, indústrias líticas e outros; a análise da arte rupestre e simbolismo; e, uma curta abordagem da arqueologia funerária. Martin fecha seu livro com observações sobre o futuro da arqueologia nesta região.

Nota-se ao percorrer do texto uma ênfase em informações ligadas a questões do tipo ‘quando’ e ‘onde’ em vez de explicações e interpretações em busca dos ‘por ques’ e ‘comos’. Apesar da autora ser fortemente influenciada pela Nova Arqueologia, ‘escola’ que desde a década 70 se preocupa com processos culturais numa tentativa de desenvolver uma arqueologia antropológica, é provavelmente por causa do estado da arqueologia teórica no nordeste, discutido nas páginas 87 a 93, que o texto lembra à arqueologia histórico-cultural. Embora existam várias exceções ao contrário, há uma preocupação geral nos casos citados em apenas definir e delimitar, por exemplo, ‘tradições’ rupestres (i.e., ‘agreste’ e ‘nordeste’) e ‘culturas’/ ‘enclaves’/ ‘fases’ arqueológicas (i.e., ‘Aratu’ e ‘Papeba’) baseados em critérios como a forma e decoração de cerâmica.

Os problemas, limitações e críticas a esse método já foram amplamente levantadas (Taylor 1948; Trigger 1989) eu apenas chamarei atenção aos dois pontos em relação ao texto. Primeiro, o estudante iniciante, embora precisando de uma orientação geral, deveria ser introduzido, de forma básica, às críticas à metodologia – ironicamente, a discussão da autora parece concretizar e apoiar o seu uso apesar do seu interesse na *explicação* de processos culturais. Segundo, a definição de fronteiras culturais cria uma tendência na arqueologia de concentrar e dirigir planos de pesquisa ao longo dessa linha – focalizando na descrição e padronização de elementos artefatuais em busca de apoiar, fortalecer e/ou redefinir essas áreas arqueológicas em vez de formular modelos e hipóteses teóricos para entender melhor as culturas dos grupos indígenas pré-Cabralenses. Lembremos que essa metodologia apenas permite-nos migração e difusão como ‘explicações’ de processos culturais passados.

Mesmo assim, o uso do método histórico-cultural parece estar intimamente relacionado à relativa ausência de estudos arqueológicos regionais. Visto que é uma área vasta onde, de acordo com Martin, existem “áreas totalmente desconhecidas arqueologicamente do que as exploradas.” Saliento que não é por omissão da autora que tem apenas duas referências de pesquisas em Alagoas. Nessa *terra incognita*, “a aplicação da abordagem histórico-cultural tem significância enorme” (Paddayya 1995, citado em Jones 1997: 24). Talvez seja apenas uma etapa necessária que temos que suportar antes de podermos chegar a questões mais profundos.

Através das “ilhas de conhecimento”, ou seja, os

sítios e pesquisas citados, a *Pré-História do Nordeste do Brasil* consegue seu objetivo de ser um livro didático e introdutório tanto para o estudante quanto para o profissional e deveria ser leitura obrigatória em aulas de graduação e pós-graduação. Sua utilidade como manual de referência é óbvia e limitada apenas pela falta de um índice dos assuntos. Aconselharei ao leitor a buscar a segunda edição por suas atualizações bibliográficas e ilustrativas e também por ser melhor encadernada do que a primeira (estraguei a primeira em apenas dois meses!).

Referências citadas:

Jones, S. (1997) *The Archaeology of ethnicity: Constructing Identities in the Past and Present*.

Taylor, W. (1948) *A Study of Archaeology*.

Trigger, B. (1989) *A History of Archaeological Thought*.

Scott Joseph Allen
Universidade Federal de Alagoas

Av. J. Sampaio Luz, 353 Apto 201
Ponta Verde CEP 57.035-260
Maceió, Alagoas, Brasil

sj@fapeal.br